



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



CAMPUS DE TRÊS LAGOAS

CURSO DE PEDAGOGIA

ISABELA LOURENÇO NEVES

**EDUCAÇÃO SOCIAL: UMA BREVE INTRODUÇÃO A PEDAGOGIA
HOSPITALAR**

TRES LAGOAS

2023

ISABELA LOURENÇO NEVES

**EDUCAÇÃO SOCIAL: UMA BREVE INTRODUÇÃO A PEDAGOGIA
HOSPITALAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Profº Valdeci Luiz Fontoura Santos, Mc.

TRÊS LAGOAS

2023

À Lara Lourenço Neves, minha filha amada, e à minha família, que me compreendeu nos momentos em que meu tempo não poderia ser somente deles.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela oportunidade e bem-estar para concluir a minha caminhada na universidade.

Aos meus pais, total gratidão por não me deixarem desistir dos meus sonhos, sempre me apoiando e me dando esperanças para continuar, mesmo quando me deixava desmotivar e à minha querida filha Lara, que foi o maior incentivo que tive para melhorar e seguir em meio a minha vida acadêmica.

Um agradecimento especial aos meus professores que contribuíram para a minha formação acadêmica e que, por mais que não tenha sido a melhor aluna, não desistiram de me proporcionar um ensino de qualidade.

Aos meus queridos amigos que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período em que permanecemos juntos.

Por fim dedico minha conquista a todos, sem exceção.

RESUMO

Esta monografia tem por finalidade socializar os resultados de pesquisa que buscou conhecer a prática pedagógica fora do campo escolar, mais especificamente, o surgimento das classes hospitalares e como a atuação do pedagogo, nesse espaço, auxilia no processo de aprendizagem das crianças enfermas. A metodologia adotada para efetivação da escrita foi uma pesquisa bibliográfica em textos disponíveis gratuitamente em sites acadêmicos da internet, como o *scielo.br*. Concluiu-se que a pedagogia hospitalar e o atendimento são atribuídos ao ensino continuado escolar, fazendo uso de atividades temporárias, ou não, no hospital ou na própria residência da criança, elevando sua autoestima e dando oportunidade de aprender mesmo sem ir para a escola. A escrita também aborda algumas referências importantes para a compreensão da pedagogia social e hospitalar.

Palavras-chaves: Classes Hospitalares; Enfermas; Pedagogia.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	21
---------------	----

LISTA DE SIGLAS

CNEFEI - Centro Nacional de Estudo e Formação para Infância Inadaptadas

EJA - Educação para Jovens e Adultos

ONGS - Organizações Não Governamentais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Memorial	9
1.2 Objeto de Pesquisa.....	111
1.3 Metodologia de Pesquisa.....	11
1.4 Organização da Monografia.....	11
2. PEDAGOGIA NÃO ESCOLAR.....	12
2.1 Áreas de atuação do Pedagogo.	14
3. HISTÓRIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR	167
3.1 Primeiros Indícios no Brasil	188
4. A ATUAÇÃO EM CLASSES HOSPITALARES	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	257
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

Desde as mais simples colocações, até as mais elaboradas teorias, quando nos referimos à escola sempre a assimilamos a um local que se transmite conhecimento, porém, nesse trabalho, é de total certeza que esse conhecimento pode ser transmitido em outros contextos fora do ambiente escolar. A escrita de caráter exploratório e qualitativo foi desenvolvida a partir de análises e apurações acerca do tema, partindo do objetivo geral de analisar a produção acadêmica sobre a atuação do pedagogo e das práticas pedagógicas em um espaço hospitalar, ressaltando alguns marcos que transformaram a sua trajetória até chegar na pedagogia atual, abordando como é formado o perfil desses grupos e mostrando alguns pontos principais da estruturação e funcionamento deles.

1.1 Memorial

Minha infância sempre foi repleta de vivências e experiências importantes para o meu bem-estar. Recordo-me nitidamente das tardes de calor na casa da minha saudosa avó, que cuidava dos filhos e netos com o aquele amor quentinho, sendo carinhosamente conhecida por todos como Zuca. Lá, passava os dias ouvindo lendas que assombravam a geração dos meus parentes mais próximos, sendo narradas por uma voz marcante e muito convincente do meu querido avó, Seu Benedito.

Posso afirmar que a casa dos meus avós foi um dos locais onde frequentemente estava sujeita a diversas interações, tanto com minha família, quanto com os colegas de rua. A casa da minha avó sempre estava cheia na época, alguns dos meus tios e seus filhos moravam lá tornando a convivência sempre mais aconchegante.

Quando iniciei meus estudos, minha mãe na época era empregada doméstica e não podia ficar o tempo todo comigo, eu frequentava a “escolinha” de manhã e, à tarde, era conduzida até uma creche onde tive várias vivências importantes. Por mais que minha mãe tentasse ser mais presente, infelizmente, a jornada de trabalho dela era extremamente exaustiva e pesada, porém, sempre que podia, fazia-se presente na minha vida escolar. Depois conseguiu ser registrada em uma firma na cidade de Três Lagoas- MS, onde permaneceu por alguns anos até conseguir

passar no concurso público de merendeira na nossa cidade, mudando e facilitando a nossa rotina.

Antigamente, nosso ensino era bem diferente do que aprendemos hoje, era um ensino voltado para fixação de conteúdos programáticos, dando prioridade aos conhecimentos específicos das disciplinas. Hoje, possuímos um modelo de ensino mais pedagógico, valorizando estratégias e oportunidades do ensino em si.

Minha irmã, que sempre cuidava de mim, fazia várias atividades para ajudar a passar o tempo. Ela fazia caça palavras, brincadeiras que envolviam a matemática básica, silabários, jogos para me ensinar o meu nome e de nossos familiares, era um caderno com muitas atividades, tudo feito à mão. Era mágico o jeito que minha irmã se dedicou para me ensinar a ler e escrever já que, por mais que eu ia a escola, foi ela quem me alfabetizou, por conta dela me passaram para série que correspondia a minha idade e, com isso, sou muito grata a ela.

Meu pai desde sempre foi motorista, trabalhava com caminhão e ônibus até conseguir passar em um concurso para motorista de ambulância, também na nossa cidade. Sempre que podia, ele me levava como companhia nas longas viagens que fazia transportando paciente e, mesmo sendo muito nova, conheci várias pessoas com as mais variadas enfermidades, sempre idosos ou adultos, muitos faziam tratamento frequentemente e, desta forma, via-os sempre que meu pai podia me levar.

Assim que chegávamos aos hospitais, era dado baixa aos documentos de internação e estadia do paciente na portaria e, assim, nós retornávamos para casa. Um certo dia, paramos em uma dessas atividades rotineiras e, assim que olhei para um corredor, ao final, tinha uma sala que, ocasionalmente, estava de portas abertas, o que não era costume e lá estava cheio de crianças com mais ou menos a minha idade, e aquilo carreguei comigo até poder esquecer.

Decorrente disso, sempre tive curiosidade em saber como era a vida de uma criança hospitalizada, não digo que sempre pensei naquilo, que passei a minha vida inteira refletindo sobre, mas após a minha introdução em uma graduação que trata a criança com tanta afeição e brandura, que visa a infância com tanta previdência, questionei-me como todo esse compromisso chegava até aquelas crianças, como tudo que eu aprendi era fornecido para em um espaço tão contrário do que as crianças estão habituadas.

1.2 Objeto de Pesquisa

Que a atuação do pedagogo é muito versátil já sabemos, ele pode executar o ensino nas mais variadas áreas com diversos objetivos, mas o que realmente vamos abordar aqui é como essa atuação está registrada na produção científica com o recorte no campo hospitalar.

1.3 Metodologia de pesquisa

A metodologia utilizada para a análise e conclusão da escrita foi a base de pesquisa bibliográfica em textos que abordavam a temática necessária. A organização da pesquisa foi dividida em partes, em um primeiro momento foi realizado uma seleção entre alguns textos que abordavam aspectos necessários sobre o funcionamento da pedagogia hospitalar abordadas por autores como: Alessandra Santana, Carmem Lúcia, Rejane Fontes, Érico SCIELO, entre outros.

Com os trechos já selecionados, eles foram utilizados para complementar a fundamentação do trabalho. A escolha destes trechos foi feita através do site: *sciELO.br*, e, também, houve indicação do professor orientador. Após essa etapa, foi dado início a escrita do trabalho, sendo orientada pelos textos e pelos encontros guiados pelo professor.

1.4 Organização da monografia

Como dito, a estruturação desse trabalho é envolta a metodologia dita anteriormente, inicia-se trazendo alguns pontos sobre o que é a prática pedagógica dentro e fora do campo escolar, abordando conceitos e significado do que é a Pedagogia, seguido pela exposição de áreas em que o pedagogo pode atuar.

Para dar ênfase a escrita do artigo, na sequência, é abordado a história da pedagogia hospitalar no mundo e os primeiros indícios da prática no Brasil, mostrando, também, como funciona a prática e a estruturação dos grupos utilizados nas classes hospitalares. Finalizando com os desafios e dificuldades que essas classes possuem.

2. PEDAGOGIA NÃO ESCOLAR

A educação é um dos processos de interação social que se constrói além do individual, ela acontece, também, no coletivo, e, por conta de ser um processo social, acaba sendo presente em várias corporações. É praticamente inevitável pensar na educação e não pensar na Pedagogia, pois o profissional que atua na área da Pedagogia é responsável por lecionar nos anos iniciais da Educação Infantil, Ensino Fundamental – Anos Iniciais e, também, na EJA (Educação para Jovens e Adultos).

De acordo com (MARQUES, 2000, p.102) o conceito de Pedagogia é mais que apenas um campo da educação:

Designa a ciência da educação das crianças e arte e a técnica de ensinar. De uma forma mais geral, a pedagogia é a reflexão sobre as teorias, os modelos, os métodos e as técnicas de ensino para lhes apreciar o valor e lhes procurar a eficácia. A pedagogia destina-se a melhorar os procedimentos e os meios com vista à obtenção dos fins educacionais. (MARQUES, 2000, p. 102)

Segundo Saviani (2008), a pedagogia é a teoria ou ciência da prática educativa. Desenvolveu-se paralelamente a esta prática ao longo da história da civilização ocidental. Firmou-se como o modo de apreender ou de instituir o processo educativo, sendo identificado como o próprio modo intencional de realizar a educação.

Vale ressaltar que, por mais que caminhem juntas, a educação e a pedagogia não são a mesma coisa. O ato de educar engloba o ato de ensinar, pois o ensino visa orientar o processo de aprendizagem, já a pedagogia estuda e reflete sobre a teoria do educar e sua vasta potencialidade, a didática direciona-se ao estudo da teoria e da prática de ensino.

O termo Pedagogia tem origem na Grécia antiga com a junção dos vocábulos *paidos* (criança) e *agogé* (condução), tornando-se uma área do conhecimento que abrange os processos de ensino e aprendizagem, é um campo que busca soluções para práticas educativas e faz

distinção entre três variantes de aprendizagem: formal, não-formal e informal. Sobre essas três variantes Gloria (2006, p. 28) diz que:

[...] à educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados: e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (GLORIA, 2006, p. 28)

Para complementar essa fala, Gonh (2006, pág. 22) também afirma:

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, Amigos etc., carregada de valores culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados: e a Educação não-formal é aquela que se aprende “no Mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (GOHN, 2006, p. 22)

Ou seja, a educação formal é mais sistematizada, sendo próprias de escolas e instituições de ensino, nesses espaços a complexidade metodológica alcança elevado níveis, além disso, todo aluno que faz uso deste segue um sistema determinado que é igual para todos.

Por um outro lado, a educação não formal conta com um grau de complexidade baixo, como se fossem valores familiares, e a informal, que é aquela que recebemos cotidianamente no trabalho, igreja, nas relações com nossos colegas, sendo tão importante quanto a formal, pois apresenta uma outra metodologia para a produção de conhecimento sendo cheia de vivências enriquecedoras para o processo de aprendizagem. Com base nisso também podemos concluir que:

Compreende que a educação informal ocorre de maneira espontânea, ela acontece na interação direta com o meio em que vive já a educação formal e não-formal necessitam de um mediador, que irá organizar, planejar, elencar, coordenar os processos de aprendizagem de algo. Esse mediador seria o educador.” (ERICO, 2010, p. 24)

Em nossa Constituição Federal, Art. 205 diz que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” Com essa conclusão, de que a educação é direito de todos, faz com que as possibilidades da atuação do pedagogo fora do âmbito escolar se tornem inúmeras.

Há pouco tempo acreditava que a escola era o único local possível para fornecer conhecimento, porém, a onde há intencionalidade humana, há espaço para a prática docente, surgindo, assim, a necessidade de um profissional que saiba planejar a prática pedagógica e que é capaz de articular a teoria à prática.

De um modo geral, a pedagogia é muito mais do que a ciência que trata da educação dos jovens e muito menos tem a única missão de ensinar a ler e escrever. A prática educativa possui um leque de oportunidade para explorar e incentivar o desenvolvimento de qualquer ser humano, já que desde o nascimento até atingir uma idade avançada, nós continuamos em constante desenvolvimento.

Portanto, a prática pedagógica em toda sua diversidade deveria ser vista com outros olhos, com ela conseguimos ir além de alguns conteúdos programáticos sendo possível ensinar, orientar e educar de uma forma prazerosa e positiva para ambas as partes.

2.1 Áreas de atuação do Pedagogo

O sistema educacional cresceu, e, com isso, é importante ressaltar que a prática docente fora do contexto escolar é mais real do que imaginamos, fazendo-se presente em: empresas, hospitais, ONGs, associações e hospitais. Desta forma, falaremos um pouco mais sobre cada umas delas.

- **Pedagogia Social:** Essa área da educação é uma espécie de especialidade dentro desse campo que visa a promoção de um ensino inclusivo na sociedade. Com ela, há o desenvolvimento de projetos sociais contribuindo para o desenvolvimento da população, atuando em várias áreas do ensino regular.
- **Pedagogia Empresarial:** Segundo Bittencourt (2012, p. 4) “Tem seu surgimento vinculado à ideia da necessidade de formação e/ou preparação dos Recursos Humanos nas empresas.” Os processos de aprendizagem dos colaboradores de uma empresa, trabalhando para promover mudanças comportamentais dos funcionários fazendo com que melhorem seu desempenho em suas respectivas funções. Basicamente, ela tem como responsabilidade capacitar os colaboradores, propondo atividades e ações para o desenvolvimento profissional e pessoal, alguns exemplos são: palestras, cursos e treinamentos corporativos.
- **Pedagogia Carcerária:** Para Pareira (2011, p.40), “a educação no cárcere é um tipo de educação de adultos que visa escolarizar, formar e qualificar pessoas temporariamente encarceradas”. De forma geral é a (re)formação daqueles seres humanos que se encontram à disposição da justiça e, quando o pedagogo assume a responsabilidade de educar, demonstra a busca pela transformação social e pela educação justa, que é considerada como um dos meios de promover a integração social e a obtenção de conhecimentos que permitam aos aprisionados garantir um futuro melhor quando resgatar a liberdade. Além dos adultos, para tal reabilitação educacional há ainda aqueles que estão detidos e estão em processo de formação como crianças e adolescentes que necessitam da continuação de seus respectivos estudos.
- **Indústrias de brinquedos:** Nesse campo, o pedagogo atua juntamente a confecção de brinquedos a fim de adequá-los a faixa etária que desejam atingir. Já na **produção do material** pedagógico, o pedagogo também se faz presente no desenvolvimento de tais materiais, ou seja, na escrita de livros didáticos e no desenvolver de todo tipo de instrumentos que possam ajudar na aprendizagem do aluno. Além de auxiliar na produção desses instrumentos, ele pode participar da produção de livros para as outras series regular, atuando juntamente ao professor de cada área específica.

- **Pedagogia Hospitalar:** A pedagogia hospitalar é um ramo da educação que visa levar condições de ensino para alunos que não podem frequentar as aulas de forma regular por causa de algumas enfermidades, porém, essa prática não se restringe a ampliar o espaço escolar, mas também é uma etapa importante para os envolvidos nesse processo de hospitalização.

3. HISTÓRIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

É possível afirmar que, ao longo dos tempos, o cuidado com as necessidades das crianças não era algo extraordinário, elas recebiam apenas condições básicas para se manterem vivas. Essa perspectiva teve uma drástica mudança desde os tempos medievais, quando as crianças eram tratadas em uma perspectiva voltada para a vida adulta e depois eram precocemente introduzidos nas atividades cotidianas dos adultos, como trabalhos domésticos e serviços para trazer o “sustento” do lar; até os dias atuais, quando crianças são tratadas com um olhar diferente voltado, não só para seu bem-estar, mas também, para seu pleno desenvolvimento, tendo autonomia para opinar, sendo protagonistas da sala de aula capazes de estabelecer múltiplas relações e, constantemente, serem reconhecidas como um ser existente e não algo que ainda irá acontecer/desenvolver.

Portanto, podemos afirmar que nem sempre as crianças tiveram um tratamento adequado, tanto pela parte das necessidades básicas, quanto relacionados à educação. Fonseca (2008, p.199) afirma que “na sociedade medieval não havia valorização da infância, e a indiferença dessa época para com a criança é muito significativa. A particularidade dos cuidados com o infante era negada, o que resultava na elevada taxa de mortalidade infantil”.

Dessa forma, no começo do século XX, quando o mal se diferenciava as doenças da miséria com as da insanidade mental, era comum a prática de internação de crianças em

manicômios, na maioria das vezes por razões econômicas, já que o feito livrava os pais da responsabilidade dos cuidados com as crianças ou, também, por motivos reais de saúde como: deficiência mental e anormalidade semelhantes.

Em resultado da Segunda Guerra mundial, muitas crianças e adolescentes em idade escolar foram mutilados e gravemente feridas, o que influenciou na permanência delas em hospitais por longos períodos. A primeira classe hospitalar surgiu no ano de 1935, em Paris, com intuito de amenizar os impactos da guerra e oportunizar as crianças a chance de prosseguir com os estudos, criando, assim, um espaço na sociedade para essa classe hospitalar. (BALLEN, 2019, p.20).

Deste modo, em 1939 foi criado, na França, o Centro Nacional de Estudo e Formação para Infância Inadaptadas (CNEFEI), e seu principal objetivo era formar professores para exercer essa profissão pedagógica e, também, mostrar que a escola não é hermeticamente restrita em um só contexto. Os cursos ofertados tinham duração de dois anos, e, decorrente desse processo, foi oficialmente criado o cargo de professor hospitalar juntamente com o Ministério da Educação da França.

Nos anos seguintes, essa classe hospitalar foi se espalhando pelo mundo, Alemanha, Portugal, Estados Unidos e Chile rapidamente aderiram a essa nova plataforma educacional já que se observou que, em países como Inglaterra, os Estados Unidos e o Canadá, os orfanatos, asilos e instituições para crianças violavam aspectos básicos do desenvolvimento emocional e podiam levá-las a condições psiquiátricas bastantes sérias, acarretando sequelas na vida adulta.

No Brasil, os primeiros indícios foram no Pavilhão, escola Bourneville, centralizado dentro do Hospício Alienados do RJ, fundado em 1902 e extinto em 1942, lá era muito comum a internação de crianças com algum tipo de deficiência, como afirma Carvalho (2015).

E dessa forma, a Pedagogia Hospitalar foi se desenvolvendo e se estabelecendo nas diversas camadas sociais, percorrendo um trajeto árduo até a intensificação de sua importância, pois, até onde se sabe, várias crianças e adolescentes foram prejudicados e perderam seu ano letivo por falta da concepção de seus direitos e, considerando o valor da educação nos anos iniciais de seu desenvolvimento, certamente a internação acarreta vários prejuízos.

3.1 Primeiros Indícios no Brasil

Para compreendermos de fato o surgimento dessa área no Brasil, precisamos ter em mente que a pedagogia hospitalar surge com o avanço da Educação/Pedagogia social, que é um campo da educação com o objetivo de tornar a educação mais inclusiva e humanizada, sendo capaz de romper os empecilhos sociais para desenvolver o aprendizado. “É importante considerar que no Brasil, a Pedagogia Social é uma área recente, as publicações e discussões da área estão sendo formuladas cada vez mais em diferentes lugares, com diferentes enfoques.” (ERICO,2010 p. 3)

Outra fala importante que nos mostra, em partes, o crescimento da educação social também é de Érico (2010. p. 26), deixando nítido o quão importante foi os movimentos sociais em favor dessa evolução da educação.

A discussão da Pedagogia Social/Educação Social é recente no país, mas existem desde a década de 30 preocupações em tornar a Educação, algo Popular, a partir de uma pedagogia mais social. Esses eram argumentos de Figuras importantes na estruturação da Educação no Brasil, movimento forte que aconteceu no período da década de 1920 a 1940, em que os Pioneiros da Educação, através de seu manifesto conseguiram lutar por uma educação Pública, que atingisse o maior número possível da população, e por isso tornar se popular, pois até então a Educação era para privilegiados. Já a partir da Década de 1960 a terminologia Educação popular surge no Brasil, caracterizada como uma educação voltada para jovens e adultos que não Tiveram acesso ao processo educacional “formalizado”. Surge a figura Importante de Paulo Freire que por meio de sua teoria, amplia a visão sobre educação, compreendendo que ela está presente além da escola. Os Movimentos sociais foram e são importantes para este processo educativo que foge as carteiras escolares, mostrando muitas vezes uma perspectiva de educação crítica e transformadora da realidade. (ÉRICO, 2010 p. 26)

Para concluir, Ercilia (2017, p. 9) nos traz um desfecho, mostrando quando efetivamente se teve ênfase na área da educação social.

Desde a década de 1930 a Educação Popular no Brasil se fez presente através da luta e defesa da democratização da educação. Somente na década de 1960, através dos Movimentos sociais e de resistência aos sistemas opressivos e autoritários no período da Ditadura e pós-ditadura militar é que a Educação Popular se fortaleceu. (ERCILIA, 2017, p. 9)

Sabemos que a origem da pedagogia hospitalar, no Brasil, está ligada à origem do ensino especial em nosso país. Assim, nos anos 30 do século XX, anunciava o surgimento das primeiras e oficialmente reconhecidas classes especiais nas enfermarias da Santa Casa de Misericórdia em São Paulo.

No Brasil, essa prática educacional só teve ênfase por meados dos anos 50 na instituição hospitalar Jesus, localizada no Rio de Janeiro, na qual permanece com seu funcionamento até os dias de hoje, como diz Shilke (2008, p. 15)

[...] esclarece o surgimento da Pedagogia Hospitalar, relatando que no Brasil as primeiras notícias que se tinham sobre aulas para crianças internadas foram no ano de 1950, no Rio de Janeiro, Hospital Municipal de Jesus, porém não tinha vinculação nenhum com a Secretaria de Educação. (SHILKE, 2008, p. 15)

Porém, com base na leitura de Kathy Souza e Janine Marta (2020, p.142), no mesmo ano de 50, o Hospital Barata Ribeiro também localizado no Rio de Janeiro, possuía instalações aptas para atender crianças e adolescentes em condições de enfermidade.

No Brasil, apenas foi reconhecido uma legislação por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizado, através da Resolução nº 41 de outubro de 1995, no item 9, o “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”.

4. A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA PEDAGOGIA HOSPITALAR

Esses foram os autores cujos estudos puderam contribuir para o levantamento bibliográfico.

Tabela 1 – Autores selecionados no levantamento bibliográfico

Autor	Texto	Revista	Ano
Alessandra Santana Soares, Roseana Santos, Sonia Chapa.	Perfil da Publicação científica.	Revista Brasileira de Educação Especial.	2011
Alessandra S de Barros.	Perfil da publicação científica brasileira sobre a temática da classe hospitalar.	Cadernos CEDES	2007
Carmem Lucia A Rolim.	Educação Hospitalar: uma questão de direitos	Rev Actual Investing Educação vol. 19	2018
Edneia Simoes da F.			
Luiz Carlos Freitas.	Ciclos, seriação e Avaliação.	Pré - Posições vol. 16.	2003
Rejane de S Fontes	A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital	Revista BR de Educação;	2005

Ednéia Simões Da Fonseca	Atendimento pedagógico-educacional para crianças e jovens hospitalizados: Realidade nacional.	INEP	1999
-----------------------------	---	------	------

Fonte: Elaborado pela autora.

Como afirma Santana (2011, p , 366) “A Classe Hospitalar é uma modalidade de atendimento prestada a crianças e adolescentes internados em hospitais, em casas de apoio, ou em contextos domésticos adaptados à assistência médica.” Dessa forma, a inserção de novos campos educacional torna atuação do profissional da educação infantil muito flexível e, mesmo com toda essa diversificação, o objetivo a ser aplicado é o mesmo.

Com as classes hospitalares não seria diferente, é de responsabilidade do pedagogo auxiliar os alunos em suas questões educativas, dando segmento conforme necessidade de cada um. Certamente, a dinâmica do desenvolvimento das atividades aplicadas em classes hospitalares é completamente diferente das introduzidas nas instituições escolares, pois, existe a necessidade da adaptação e da inclusão de todos os alunos, mesmo que a maioria dessas salas sejam multisseriadas.

Assim como na escola, o professor, no hospital, também não trabalha sozinho, ele conta com o apoio dos médicos e enfermeiros, existindo uma troca de informações sobre o quadro clínico de cada paciente e quais tipos de atividades são restritas para que não o prejudique. Além dos médicos e enfermeiros, o professor também conta com o auxílio dos diretores e coordenadores dos hospitais, trabalhando com as questões e segmentos mais burocráticos.

Mesmo nem sempre sendo alcançada a regularidade e a sistematização necessária, o profissional responsável pelos alunos também tem o apoio da instituição de ensino em que o aluno frequentava, com a coordenação das atividades aplicadas e que necessitam de adaptações e flexibilidade para que possa atender cada enfermo. Em relação a isso, podemos dizer que:

Quando a criança ou adolescente hospitalizado já frequentava uma escola antes da internação, a classe hospitalar deve buscar contato com a escola para que as atividades, então empreendidas, correspondam em continuidade. Se não for possível contatar a escola, são utilizados materiais didáticos disponibilizados

pela própria classe hospitalar e os professores destes devem favorecer ao aluno o aprendizado dos conteúdos da série que lhe correspondam. (SANTANA, 2007, p 259)

O exercício da pedagogia é extremamente importante para vários fatores futuros. Em um ambiente hospitalar essa questão se faz muito mais presente, a criança que enfrenta essa realidade se sente excluída da sociedade em si pelo fato de estar “presa” em um local que não é de rotina para ela e para muitas pessoas, portanto, o papel do pedagogo também é fazer com que esses alunos se sintam acolhidos ao máximo.

A autora Rejane Fontes (2005) defende a ideia da ludicidade em classes hospitalares a fim de incentivar esse acolhimento:

A composição e recomposição dos grupos de brincadeira produziram efeitos na organização da rotina médica hospitalar porque se apropriaram de um espaço físico e psicológico, ressignificando o sentido da hospitalização para as crianças e seus acompanhantes, favorecendo a (ré)invenção de outras formas de apropriação de seu funcionamento. Se no início as crianças tinham sua subjetividade diluída na rotina hospitalar, com o tempo elas tornaram-se protagonistas de suas próprias ações. (FONTES, 2005, p, 136)

É confirmada a existência de leis que defendem a implantações de brinquedotecas em hospitais como apoio e, também, a fim de incentivar essa modalidade educacional. Como por exemplo a lei nº 11.104, implantada em 2005 que “Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.” (BRASIL, 2005)

O exercício da pedagogia em classes hospitalares com certeza é bem mais complexo do que ministrar aula em uma escola comum, uma classe hospitalar vai exigir muito mais paciência e afetividade da parte do pedagogo, pois ali existem crianças com diferentes tempos de internação, com as mais variadas enfermidades e com traumas diferentes.

Em questão de legislação, o art.196 da Constituição Federal assegura que “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem

à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.” (BRASIL, 1988)

Assim como nas classes comuns, as classes hospitalares também possuem uma estruturação e uma característica do grupo, certo de que este perfil não será sólido e igualitário. Sendo o oposto das salas escolares, em uma classe hospitalar os alunos vão possuir diferentes idades e diferentes necessidades, fazendo com que se torne uma turma multisseriada. De acordo com Santana (2007, p.260):

A constituição da classe hospitalar é sempre variável ao longo de um período. Para cada jovem paciente o tempo de permanência no hospital é diferente e, por conseguinte, a duração, extensão e natureza do investimento pedagógico/terapêutico recebido também. O perfil do grupo é igualmente variável, no sentido de que os pacientes são diferentes também em suas demandas acadêmicas, além do que têm origens socioeconômicas diversas. A classe hospitalar é, assim, uma "turma" multisseriada. (SANTANA, 2007, p. 260)

Em vista disso, podemos dizer que as classes hospitalares necessitam de uma atenção maior, justamente pelo fato de ter um caráter muito variável. Com o número de crianças internadas baixo, não é possível fazer uma separação para se trabalhar com a turma na mesma faixa etária, o que dificulta o trabalho do professor, pois existe a necessidade de tudo ser pensado com calma e clareza para que não prejudiquem as outras atividades do exercício hospitalar.

Por mais complexa que seja a atuação em um espaço hospitalar, ela também possui um amplo modo de trabalhar, respeitando sempre as limitações de cada criança.

[...] as atividades pedagógicas desenvolvidas em hospitais podem ser situadas em espaços educacionais definidos, como locais designados para brinquedotecas e classes hospitalares, mas podem ocorrer, também, em salas de espera, ambulatórios, mesas, macas, enfermarias ou quartos. (LUCIA, 2018, Pg.411)

Como para quase toda função exercida é necessária uma capacitação, certamente o professor também deveria passar por um certo treinamento para lidar com toda questão emocional e psicológica, e, também, para que o profissional da educação saiba como funciona uma classe hospital e como reagir diante de algumas situações emergenciais, porém não é bem assim que acontece.

[...] observa-se que a falta de um treinamento mais consistente que prepare esses professores para o ingresso na realidade hospitalar esclarecendo suas rotinas, dinâmicas de funcionamento e especificidades dos quadros de adoecimento das crianças é um fator que concorre negativamente para a permanência ou desempenho satisfatório desses professores. (SANTANA, 2007, p. 264)

Com base nessa afirmação, podemos observar que nem sempre os regimentos funcionam como deveriam, a falta de instrução para esse profissional, neste campo educacional em específico, pode acarretar inúmeros contratempos para a saúde e para o desenvolvimento infantil, mesmo que não sejam causados voluntariamente.

Outro ponto que é insuficiente, na maior parte dos hospitais brasileiros, é a falta de recursos para administração das funções hospitalares, sendo possível afirmar que a escassez de recursos é um dos maiores contribuintes para o mau funcionamento de algum setor, além de ser muito frequente em escolas municipais e estaduais, dando continuidade dessa escassez nas classes das unidades hospitalares.

Essa falta se dá pelo fato de os recursos serem destinados às áreas que necessitam de um certo grau de priorização, ou seja, podemos afirmar que, por mais que o ensino nas casas de saúde seja um avanço para a sociedade, ainda necessitam de maior reconhecimento na formação universitária dos pedagogos, nos investimentos em infraestrutura e materiais pedagógicos, nos ambientes hospitalares propriamente ditos e, acima de tudo, é necessária uma maior capacitação para os profissionais desta área.

Na mesma linha de raciocínio, a falta de uma boa administração financeira em qualquer instituição pode acarretar diversos problemas, entre eles, os que com certeza se destacam em qualquer situação, é a falta de um quadro de funcionários bem treinados para o exercício de funções distintas, mesmo que hoje em dia possuímos mais acesso à educação, principalmente

devido aos recursos de Ensino a Distância (EaD), ainda existem muitos profissionais desqualificados.

Outra dificuldade que se destaca, é o atendimento pouco humanizado. Um indivíduo que já chega fragilizado, não apenas fisicamente, mas também no nível emocional, ainda precisa se deparar com inúmeras adversidades para ter um atendimento de qualidade. É nesse ponto que entra a humanização e capacitação dos profissionais durante o atendimento, desde a recepção até a alta do paciente. Muitos deles se acomodam e passam anos sem fazer cursos de atualização ou uma especialização em suas áreas para elevar a qualidade dos atendimentos.

A salas multisseriadas também são um dos principais desafios para o Pedagogo que atua na classe hospitalar. Para Freitas (2003), em muitos casos, o pedagogo não tem informações de como atuar numa classe multisseriada, o que acarreta dificuldades para elaborar seu planejamento, gerando trabalho duplicado em função da variedade de alunos na mesma classe.

Além da estruturação multisseriada, o atendimento pedagógico acaba sendo prejudicado por outros fatores, falta de recursos e falta de estrutura adequada para os atendimentos. Fonseca (1999) menciona que nem todos os hospitais que possuem classe hospitalar têm espaços exclusivos ao atendimento pedagógico, muitas vezes este atendimento acaba ocorrendo em enfermarias e leitos do hospital.

Com essa fala, podemos assim afirmar o tanto que essa atuação exige muita disponibilidade, afetividade e criatividade da parte do professor pois é necessário toda uma inclusão para elaboração de qualquer atividade que componha o cotidiano dessas crianças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa monografia tem como principal objetivo socializar os resultados da pesquisa que buscou conhecer o funcionamento da pedagogia hospitalar, um pouco do seu surgimento e como essa ação influencia no processo de aprendizagem das crianças que estão em um momento delicado de suas vidas.

Tendo em vista a importância da inclusão e da permanência de todos no processo de escolarização, nosso diálogo foi embasado nessa temática. A pedagogia é um processo alternativo de educação pois ultrapassa os métodos convencionais, escola/aluno, buscando, dentro da educação, formas de apoiar o paciente hospitalizado.

É um desafio para o pedagogo que deve desenvolver um trabalho humanizado, ajudando pacientes prejudicados nas atividades escolares, proporcionando conhecimento e qualidade de vida ao paciente e, também, dando suporte ao desenvolvimento da aprendizagem do aluno dentro do hospital e à garantia do direito de a criança dar continuidade de seus estudos motivando-a a continuar depois de sua alta no hospital.

Considerando que a criança sofre grande influência do ambiente onde ela se encontra, o pedagogo, ao desenvolver um trabalho educativo com a criança internada, também trabalha o lúdico de forma que alivie possíveis irritabilidades, desmotivação e estresses. A continuidade dos estudos durante o período de internação traz maior vigor às forças vitais do

educando/paciente, existindo aí um estímulo motivacional, tendo várias ações preponderantes e desencadeantes para sua recuperação.

A criança hospitalizada tende a se afastar do cotidiano da escola acabando por comprometer o seu desenvolvimento escolar e o pedagogo tem um papel fundamental neste processo, pois, tende a minimizar a distância entre o hospital e a escola pela via da educação.

De acordo com Fonseca (2008, p. 37), “o pedagogo hospitalar também pode dar apoio aos familiares e, na medida do possível, e sem desconsiderar aspectos éticos, o professor pode auxiliar o familiar na compreensão da situação da saúde da criança.”

Por mais que seja insuficiente, a Pedagogia Hospitalar se torna muito mais que uma modalidade de ensino, mostrando uma perspectiva diferenciada de educação, visando possibilidades além dos muros da escola. Revela-se como uma oportunidade de expressar carinho e atenção, pois muitas vezes as crianças/adolescentes hospitalizados sentem-se sozinhos e, por meio desta modalidade, pode-se levar o mundo externo até eles.

Fica evidente que o professor tem que ter um grau de instrução para saber como lidar com seus alunos, garantindo a continuidade da vida escolar, entretanto, o professor deve ter boa formação prática e teórica e, também, a capacidade de lidar com a diversidade existente no âmbito hospitalar. Nota-se, nesta situação, que o professor e os médicos são parte fundamental na vida da criança/adolescente hospitalizado, sendo mediadores entre o aluno hospitalizado e o mundo, oferecendo uma melhor qualidade de vida (fisicamente, psicologicamente e socialmente).

Portanto, a contribuição da classe hospitalar para o desenvolvimento das crianças/adolescentes hospitalizados é positiva, pois os alunos não perdem o vínculo com sua escola de origem e mantém a ligação com o mundo deixado fora do hospital, tornando-se uma ótima oportunidade de atuação para o pedagogo.

Por fim, sabemos que as ações efetuadas pelo professor no cotidiano das classes têm capacidade de humanizar o atendimento no hospital, mas torna-se necessário que ele esteja capacitado para trabalhar com as especificidades da criança e do adolescente hospitalizado, cumprindo as exigências na formação e na construção de saberes diversos, proporcionando uma atuação segura, crítica e criativa.

Com isso, chegamos aos seguintes resultados: i) a atuação no espaço hospitalar é precária e insuficiente em vários pontos, assim como a educação no Brasil, ii) e, também, o

exercício da pedagogia nesses lugares traz consigo o ensino que é umas das principais vertentes dessa função e a humanização, apoio, respeito e solidariedade, que muitas vezes são escassos nesses espaços.

REFERÊNCIAS

BALLEN, Suéllen. **Pedagogia Hospitalar**. Erechim, 2019.

BITENCOURT, Ligia. **Pedagogia Empresarial: a atuação do pedagogo nas organizações**. Sergipe, 2012.

CAIADO, Kátia R.M. **O trabalho pedagógico no ambiente hospitalar: um espaço em construção** In: RIBEIRO, Maria Luisa Sprovieri;

CARVALHO, Tyara. **História da Classe/Escola Hospitalar: No Brasil e no Mundo**. Rio de Janeiro, 2015.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. 2 ed. São Paulo: Memnon, 2008.

FONSECA, E. **Atendimento pedagógico-educacional para crianças e jovens hospitalizados: realidade nacional**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, Brasília, 1999.

FONTES, Rejane. **A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital**. SciELO – Brazil, 2005

FREITAS, L. C. **Ciclos, seriação e avaliação: confrontos de lógicas**. São Paulo: Moderna, 2003.

FOUCALT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro, Brasil: Forense Universitária. 2001.

LUCIA, Carmem. **Educação Hospitalar: uma questão de direitos**. SciELO – Brasil, 2018.

- LÚRIA, Alexander Romanovich. **Desenvolvimento Cognitivo**. São Paulo, Ícone, 1990.
- MARIA, Ercília. **Pedagogia Social e Educação Social: análises das convergências e divergências teóricas dessas áreas**. Revista Multidisciplinar de Licenciatura e Formação Docente. 2017.
- MARQUES, Ramiro. **Dicionário breve em pedagogia**. Rio de Janeiro, Ed. Presença, 2000.
- PEREIRA, Antonio. **A educação-pedagogia no cárcere, no contexto da pedagogia social: definições conceituais e epistemológicas**. Uberlândia, Ed. Popular. 2011.
<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/20214/10790>
- RIBAS, Érico. **A pedagogia social no contexto brasileiro: análises de possíveis aproximações ou distanciamentos das áreas da Educação Popular e dos Movimentos sociais**. Santa Catarina. 2010.
- SANTANA, A.S, GUEUDEVILLE, R.S, VIEIRA, S.C. **Perfil da publicação científica brasileira sobre a temática da classe hospitalar**. Brasil, 2011.
- SANTANA, Zilmene. LUCIA, Carmem. **As vozes das professoras na Pedagogia Hospitalar: Descortinando Possibilidades e Enfrentamentos**. SciELO – Brasil (2019).
- SAVIANI, D. **A Pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SOUZA, Kathy, MARTA, Janine. **Pedagogia Hospitalar no Brasil: breve histórico do século XX aos dias atuais**. Paraíba, 2020.